

**“PAI, EU QUERO PÃO!” JACK DINKHUYSEN: A PASSAGEM DE UM  
MAESTRO HOLANDÊS POR SANTA CATARINA (1931-1935)**

**“DAD, I WANT BREAD!” JACK DINKHUYSEN: A DUTCH CONDUCTOR IN  
SANTA CATARINA (1931-1935)**

Matheus Theodorovitz Prust<sup>1</sup>

**RESUMO**

Com os avanços das estruturas de entretenimento do Planalto Norte catarinense no início do século XX, muitos músicos foram atraídos para as cidades do interior do estado, colaborando para o desenvolvimento do cenário artístico local. Na ocasião dos 100 anos da chegada de Jack Dinkhuysen (1902-1975) no Brasil, neste texto busco lançar luz sobre a vida e atuação do maestro, que viveu em Santa Catarina entre os anos 1931 e 1935. Vindo da Holanda em 1922, o maestro se estabeleceu na cidade de Canoinhas, onde formou uma sociedade musical, duas jazz bands, produziu um festival de arte e lecionou piano e outros instrumentos. Apesar de sua importante contribuição, Jack Dinkhuysen ainda não havia sido mencionado nas diversas publicações da musicologia catarinense, fato que se passa, igualmente, com muitos músicos que tiveram importante participação no estado mas que, por motivos diversos, não entraram para os anais da história. A investigação se deu através da pesquisa em periódicos, com destaque para o jornal “Avante!” (1930-1935), além de periódicos do Rio Grande do Sul, documentos cartoriais e entrevistas. Este ensaio sobre Jack Dinkhuysen, por seu ineditismo, deve ser entendido como um ponto de partida que pode levar a discussões mais aprofundadas.

**Palavras-chave:** Jack Dinkhuysen. Jazz bands. Músicos em trânsito. Musicologia Catarinense. História da Música em Santa Catarina.

---

<sup>1</sup> Mestre. Professor da Universidade Estadual do Paraná, Campus II/ FAP. Curitiba. Paraná. Brasil. E-mail: [matheusprust@gmail.com](mailto:matheusprust@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3736-4687>.

## ABSTRACT

With the advances of North Santa Catarina’s entertainment structures in the beginning of the 20th century, many musicians were attracted to its countryside cities, collaborating for the development of the local artistic scene. In this article we aim at shedding light on the life and work of one of these personalities: Jack Dinkhuysen (1902-1975), who worked in Santa Catarina between 1931 and 1935. The Dutch maestro lived in the city of Canoinhas, where he formed a musical society, two jazz bands, produced an art festival and taught piano and other instruments. Despite his important contribution, Jack Dinkhuysen had not yet been mentioned in the various publications of musicology in Santa Catarina, a fact that also happens with many musicians who had important participations in the state but who, for different reasons, did not enter in the history. For this investigation we researched in periodicals, with emphasis on the newspaper “Avante!” (1930-1935), as well in publications from Rio Grande do Sul, official documents and interviews. This essay on Jack Dinkhuysen should be understood as a starting point that can lead to a more in-depth discussion.

**Keywords:** Jack Dinkhuysen. Jazz bands. Traveling musicians. Musicologie. History of Music in Santa Catarina.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento econômico do Planalto Norte de Santa Catarina e a criação de estruturas de entretenimento na região, diversos músicos foram atraídos para as cidades do interior do estado no início do século XX. Este trânsito contínuo trouxe múltiplas influências culturais para as cidades emergentes, contribuindo para a constituição de suas tradições. A partir dos anos 1910, estiveram presentes em Canoinhas alguns músicos – profissionais e amadores – de diferentes partes do país (sobretudo do Sul) e do exterior. Em 1911 foi criada a Banda Lyra “Catharinense”, do empreendedor Emilio Gothardo Wendt, vindo da Lapa (PR); a partir de 1915, Antônio Cândido do Amaral, primeiro músico profissional da cidade, veio de Florianópolis (SC) para os novos salões canoinhenses; nos anos 1920 foi a Banda Bollmann, com integrantes de origem germânica da região de São Bento do Sul (SC), que se estabeleceu na cidade. Em retrospectiva, podemos notar a mudança das lideranças

musicais locais no período de 5 a 6 anos. O ambiente não era fértil. Os músicos que ficavam em Canoinhas tinham outras profissões que lhes garantiam o sustento.

Em pesquisa no jornal “Avante!”, periódico semanal dos anos 1930, chamou a minha atenção as menções sobre um músico estrangeiro em Canoinhas – o holandês Jack Dinkhuysen. Figura enigmática, ainda não foi mencionado nas diversas publicações da musicologia catarinense. O mesmo fato se passa, certamente, com muitos músicos que tiveram importante atuação no estado mas que, por motivos diversos, infelizmente não entraram para os anais da história.

Buscando lançar luz sobre a vida e a contribuição de Jack Dinkhuysen para o cenário musical catarinense, iniciei uma lenta, mas contínua investigação, iniciada em 2012, que culmina no texto aqui apresentado. A partir do levantamento de dados disponíveis no periódico “Avante!”, descrevo a passagem do músico por Canoinhas, entre os anos 1931 e 1935, destacando os principais feitos, sua contribuição para área cultural, a sua relação com o desenvolvimento e estabelecimentos de estruturas recreativas locais e algumas das dificuldades encontradas naquele contexto. Antes desta discussão, apresento um breve histórico da vida de Jack Dinkhuysen, desde o nascimento em Haia até os seus últimos dias em Carazinho (RS). As informações foram coletadas junto de familiares de Jack, assim como em periódicos do Rio Grande do Sul e em documentos cartoriais.

Pela ocasião dos 100 anos de sua chegada no Brasil, vejo o momento como propício para apresentar este texto. Este ensaio sobre Jack Dinkhuysen, por seu ineditismo, deve ser entendido como o início, um ponto de partida que pode levar a uma discussão mais aprofundada. Através do artigo, procuro destacar a importância da atuação empreendedora de artistas autônomos para o desenvolvimento musical das cidades do interior da região sul-brasileira no início do século XX.

## 2 AS FONTES

A pesquisa histórica em periódicos é reveladora em diferentes níveis. Essas fontes não apenas informam dados concretos, como deixam adivinhar questões próprias de seu tempo e particularidades de seus redatores. Os jornais, por seu cunho informativo, assim como pela necessidade de célere divulgação de informações, podem ser entendidos como “informantes” de uma *história momentânea*, congelando no tempo o pensamento de um recorte temporal específico. O que é que se entendia como importante naquele contexto? Que fatos impactavam a sociedade e, por isso, mereciam espaço? Qual o comportamento do jornalista no curso de uma história que se desenrola? Como ele se comunica com os leitores, ao longo das edições? Como são feitas as narrações?

No caso da pesquisa musicológica, as múltiplas características do jornalismo e de sua *história imediata* – aquela em que o próprio escritor se insere e reporta – representam ferramentas de investigação valiosas. Nestes textos, os “filtros” posteriores da história, que definem o que é perpetuado, estão ausentes. Para Oliveira e Goldberg (2018, p. 2):

É por isso que a pesquisa em periódicos tem se mostrado uma importante fonte para a musicologia, graças ao seu grande potencial de resgatar à memória questões adormecidas no tempo e, muitas vezes, perdidas nas dinâmicas da história, caracterizando a linha conhecida como história imediata. (OLIVEIRA; GOLDBERG, 2018, p. 2)

Para Dosse (2003, apud GOLDBERG, 2010, p. 150), a aproximação aos periódicos sob a perspectiva da história imediata permite “deslocar o olhar do historiador da narração dos fatos passados para estudar, a partir dessas mesmas fontes, as representações que uma época tem de si própria, de sua história e em sua subjetividade.”

Para as regiões interioranas, cujos pesquisadores têm dado importantes passos nas últimas décadas, os jornais podem representar as principais (ou até mesmo as únicas) fontes de pesquisa histórica. Por seus editoriais contínuos e pelo grande número de temáticas abordadas, estes textos preservam informações valiosas sobre o cotidiano das cidades e seus aparatos culturais. Inúmeras pesquisas da área da música se apoiam na pesquisa em periódicos, com um número crescente a partir da disponibilização de acervos digitais na atualidade<sup>2</sup>. À guisa de exemplo, a *Hemeroteca Digital Brasileira* (HDB), com títulos nacionais, e a *Hemeroteca Digital Catarinense* (HDC), com publicações periódicas editadas e publicadas em Santa Catarina a partir do século XIX, disponibilizam uma ampla gama de documentos para consulta *online*. Ainda em maior número são os acervos públicos físicos e os acervos privados, destacando-se o acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina (Florianópolis) que, além dos documentos em formato digital, possui diversas coleções impressas de periódicos do estado.

Nesta pesquisa, realizei o mapeamento de informações relativas ao período de Jack Dinkhuysen em Santa Catarina, no acervo físico do Arquivo Histórico da Fundação Cultural “Helmy Wendt Mayer”, no jornal “Avante!”.<sup>3</sup> As consultas no Arquivo Histórico foram divididas em dois momentos, bastante distantes entre si (março de 2013 e fevereiro de 2022). No primeiro momento, em investigação sobre o cenário musical de Canoinhas no início do século XX, tomei conhecimento da existência de Jack Dinkhuysen e de sua estadia na cidade. As informações coletadas, naquele momento, não permitiam uma discussão aprofundada sobre o músico, sendo elas relativas à sua atividade profissional, não oferecendo dados consistentes sobre sua

---

<sup>2</sup> Em um levantamento de estudos que tem os jornais como fonte de pesquisa, Ulhôa e Neto (2014) observam duas frentes de investigação na área da música: (1) o estudo de gêneros musicais de forma diacrônica e (2) o estudo das pessoas que contribuíram para a consolidação de certas práticas, não somente músicos, mas também impressores e escritores teatrais.

<sup>3</sup> Único título publicado na cidade de Canoinhas, à época. Não disponível, em sua completude, para consulta *online*.

biografia. A partir delas, contudo, foi possível expandir o escopo da investigação, através do contato com familiares do maestro, falecido em 1975. Em meados de 2019 obtive o apoio de duas netas do primeiro casamento de Jack (do período em SC), que solicitamente auxiliaram a investigação, nos levando ao sr. Jarbas Dinkhuysen. Filho do segundo casamento de Jack (do período no RS), em 2021 ele nos enviou, gentilmente, documentos, fotos, recortes de jornais, cartas e outros materiais de seu pai, possibilitando a continuidade das investigações. A segunda visita ao Arquivo Histórico, em 2022, veio no sentido de revisão e coleta de dados circundantes ao objeto principal.

Com a expansão de informações obtidas, passei à terceira etapa da pesquisa, em documentos oficiais. O objetivo foi o de mapear o trânsito de Jack pelo Brasil e de coletar dados sobre sua vida pessoal. Esta etapa não havia sido possível, até então, por uma questão prática: os registros de nomes e sobrenomes da família não são unificados. No caso do sobrenome, por exemplo, há diferentes grafias, como: *Dinkhuijsen*, *Dinkhuysen*, *Dinkheuisen*, *Dinkhuijin* e *Dinkhinjins*, todos adotados por Jack. Aliás: *Jack*, *Jaque*, *Jacques*, *Jacobes João* ou *Jacobus Johannes*? E sua primeira filha, *Eleonor*, *Eleanor*, *Leonor* ou *Leonora*? Somando as possibilidades de combinações entre nomes e sobrenomes a tarefa de levantamento de registros cartoriais só foi finalizada recentemente, logrando-se identificar os documentos necessários para este ensaio. Foi realizado contato com a instituição de ensino na qual Jack se graduou (Conservatório Real de Haia) porém, sem resultados positivos, dada a impossibilidade momentânea de consulta aos arquivos físicos.

As fontes elencadas se dividem entre (i) periódicos, (ii) registros cartoriais, (iii) entrevistas, (iv) cartas e (v) fotografias. Enquanto os textos do “Avante!” permitiram, principalmente, leituras sobre a atuação profissional do maestro, seu contexto de inserção profissional e a resposta pública e dos editoriais, os documentos oficiais, pareados aos dados dos periódicos, possibilitaram o desenvolvimento de uma cronologia e breve biografia. Para a biografia, destaca-se uma edição do jornal “O

Nacional” que, na ocasião do falecimento do maestro Jack, publicou um histórico resumido de sua vida. Segue-se a discriminação:

Quadro 1 - Fontes da investigação

Tipo	Título	Dados
Periódico	Jornal “Avante!”	Canoinhas (SC), publicação semanal, edições dos Anos I a VI (1930-5)
Periódico	Jornal “O Nacional”	Passo Fundo (RS), edição de 11/11/1975
Periódico	“Reminiscências”	Carazinho (RS), edição de 01/12/1983
Periódico	“Republica”	Florianópolis (SC), edição de 18 de março 1931.
Entrevista		Mercedes Simon. Carazinho (RS), c. 1985, não publicada
Carta		Jack Dinkhuysen. Passo Fundo (RS), 19/03/1960, não publicada
Registro de matrimônio		Maria da Glória Corrêa d’Oliveira, Jacobes João Dinkhuijin (1924)
Registros de nascimento		Jacobus Johannes Dinkhuijsen (1902); Eleanor Dinkhinjins (1924); Léo Dinkhuysen (1929); Haroldo Reynaldo Dinkhuysen (1930); Sonia Maria Dinkhuysen (1935)

Fonte: O autor

### 3 BREVE BIOGRAFIA DE JACK DINKHUYSEN (1902-1975)<sup>4</sup>

Jacobus Johannes Dinkhuijsen nasceu na cidade de Haia, Holanda, em 1º de julho de 1902. Foi filho de Petrus Joannes Leonardus Dinkhuijsen e Maria Magdalena Sas.<sup>5</sup> Seu pai, comerciante, possuía vasto conhecimento musical, estimulando seus filhos para os estudos e desempenho de profissão nesta área. Vivendo em uma cidade cuja tradição musical era (e segue sendo) muito vívida, os filhos de Petrus e Maria tiveram a oportunidade de estudar, desde novos, no Koninklijk Conservatorium (Conservatório Real de Haia), além de participarem de montagens estudantis de óperas, concertos sinfônicos e de câmara. A infância e juventude de Jack foi

<sup>4</sup> Tendo como base o artigo do jornal “O Nacional” (Passo Fundo (RS), 11/11/1975), documentos cartoriais e outros complementares. Para melhor fluência do texto, indicamos apenas as referências de documentação oficial ou fontes complementares. Os demais dados são d’O Nacional, revisados e confirmados pela família.

<sup>5</sup> Registro de nascimento: Arquivo municipal de Den Haag (Países Baixos), Registro civil de nascimentos. Registo Civil do Município de Haia, arquivo 335-01, inventário número 447, certidões de nascimento Haia, registo número 3078. **Jacobus Johannes Dinkhuijsen**. Haia, 1902. Ver Fig. 1.

notadamente marcada pela música. Apesar de ter deixado Haia aos 20 anos de idade, não abandonou o aprendizado adquirido, que seria a base para a sua profissão.

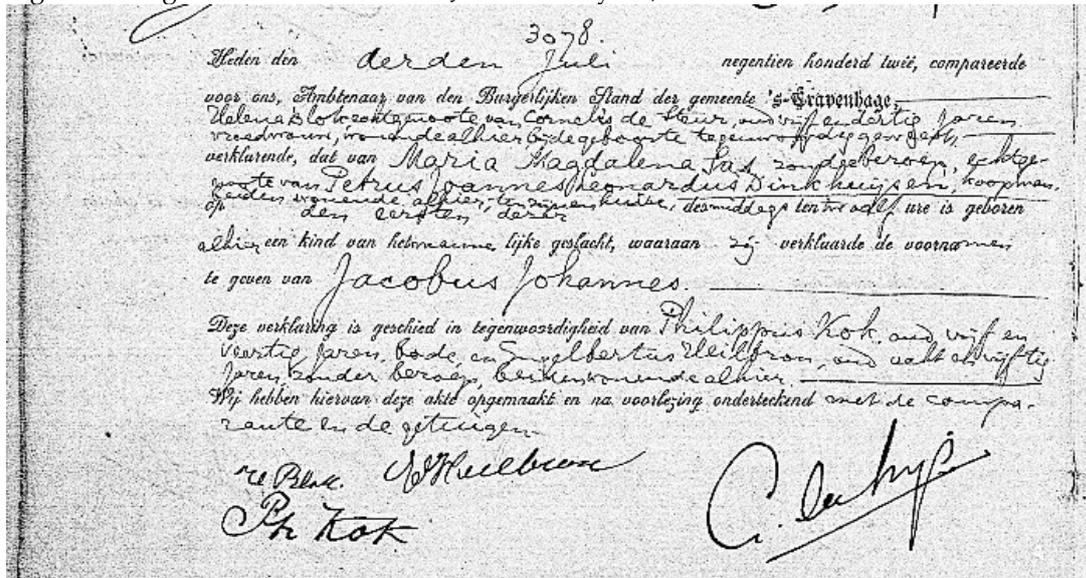
Consta que Jack formou-se no Conservatório de Haia em 1919, no curso de piano<sup>6</sup>. Além do instrumento, pela grade curricular, também estudou pedagogia do ensino instrumental, regência e composição. Ao longo da vida adquirira a perícia em outros instrumentos, notavelmente a flauta transversal, o violino e o acordeom. Também, pela necessidade prática e de trabalho, aprofundaria seus conhecimentos sobre afinação e reparo de instrumentos de teclado, como órgão de tubos, harmônio e piano. Sua irmã Nora Dinkhuijsen, recebendo instrução musical neste mesmo contexto, seria uma destacada mezzo-soprano, estreando na Holanda ainda jovem em uma montagem da ópera Tosca, de Puccini. Jack, também, era cantor.

Já um jovem músico com titulação, conhecimento prático e um currículo iniciado, Jack Dinkhuysen deixou a Holanda em 1922, mudando-se para o Brasil – não retornaria à terra natal. Chegou ao Rio de Janeiro com um livro de cheques presenteado pelo pai, o que possibilitou uma estadia minimamente confortável. Acabado o dinheiro, não quis retornar à Holanda, empregando-se como pianista nos cinemas mudos da capital, ao lado de colegas mais experientes. Este foi o real início da carreira de Jack, que pelos próximos 40 anos peregrinaria pelo Brasil, de sítio a sítio, lecionando, formando grupos e sociedades musicais. Mais do que Haia e seu ensino conservatorial, a profissão seria a sua verdadeira escola.

---

<sup>6</sup> As informações sobre o curso e a data de formatura são dadas no jornal “Avante!” (Canoinhas (SC), 12 de maio de 1934), na ocasião de realização de um festival em comemoração aos seus 15 anos de coleção de grau. Em contato junto ao Conservatório de Haia, fomos informados da impossibilidade momentânea de consulta aos registros deste período.

Figura 1 – Registro de nascimento de Jack Dinkhuysen, 1902



Fonte: Arquivo municipal de Den Haag, Países Baixos

É notável o fato de que Jack Dinkhuysen chegou ao Rio de Janeiro justamente em 1922, no contexto da Semana de Arte Moderna. O evento, que influenciou o rumo das artes em âmbito nacional, trouxe questionamentos que impactaram os músicos locais e, também, aqueles que aqui desembarcavam. Discutindo-se o atual estado da arte e as possibilidades da área, acentuou-se “a necessidade de “descobrir” ou “redescobrir” o Brasil, repensando-o de modo a desvinculá-lo, esteticamente, das amarras que ainda o prendiam à Europa” (AJZENBERG, 2012, p. 26). Um dos fenômenos deste período (e dentro deste espírito) foi o do surgimento das primeiras jazz bands no Brasil que, sob influência estadunidense, possibilitaram novas formas de expressão musical nacionais (MELLO, 2007, p. 72)<sup>7</sup>. Envolto neste fervilhante cenário cultural, Jack Dinkhuysen pôde expandir seu conhecimento musical, apreendendo tradições e conceitos que lhes eram novos, levando-os, posteriormente, ao sul do país.

<sup>7</sup> Para mais, ver Labres Filho (2014), “Que Jazz é esse? As jazz-bands no Rio de Janeiro da década de 1920.”

Dois anos mais tarde (e mil quilômetros mais ao sul), Jack Dinkhuysen vai se encontrar na pacata vila de Teixeira Soares, no Paraná. Talvez tenha sido atraído pelas colônias de holandeses, que chegaram na vizinha Carambeí a partir de 1911, espalhando-se pela região. Nessa cidade, em 15 de julho de 1924, casou-se com Maria da Glória Corrêa de Oliveira, com quem teve 5 filhos. A união manteve-se por cerca de 15 anos quando, em fins dos anos 1930, houve a separação. Através do registro cartorial de matrimônio, sabemos que Maria da Glória era natural de Joinville<sup>8</sup> e que o casal, factualmente, residia em Teixeira Soares.<sup>9</sup> Não ficaram lá por muito tempo, contudo.

Quando, cinco meses depois do casamento, nasceu a primeira filha do casal, Eleanor Dinkhinjins, os Oliveira-Dinkhuysen já haviam se mudado. Indo em direção ao norte do Paraná, instalaram-se na histórica cidade de Castro, no Caminho das Tropas.<sup>10</sup> Lá nasceriam, ainda, os filhos Léo<sup>11</sup> e Haroldo Reynaldo Dinkhuysen<sup>12</sup>. É do registro de nascimento do terceiro filho do casal, em 1930, que vem a indicação de que Jack atuava como pianista – não mais uma ocupação “paliativa”, mas uma profissão. Lemos: “Aos cinco dias do mez de Novembro de mil noventa e trinta, nesta cidade de Castro em meu cartorio compareceu Jack Dinkhuijsen, casado, pianista [...]”. Não há indícios de Jack tenha dirigido jazz bands ou orquestras no Paraná (GILLER, 2013), não sendo referido como “maestro” até o período de Santa Catarina. É mais provável que tenha atuado como pianista e professor do instrumento. Residiram e trabalharam em Castro de 1924 ao início de 1931. Recebendo de presente um automóvel *Odsmobile*,

---

<sup>8</sup> Infelizmente pouco sabemos sobre a vida de Maria de Glória. Consta que após o divórcio, desamparada pelo ex-marido, contou com o apoio dos pais e irmãos para a criação dos filhos.

<sup>9</sup> Registro de matrimônio: Juízo de Casamentos de Teixeira Soares. Livro n° 01, Habilitação de Casamento n° 315. **Maria da Glória Corrêa d’Oliveira, Jacobes João Dinkhuijin**. Teixeira Soares (PR), 1924.

<sup>10</sup> Registro de nascimento: Registro de Nascimentos de Castro. Livro n°2, Registro n° 577. **Eleanor Dinkhinjins**. Castro (PR), 1924.

<sup>11</sup> Registro de nascimento: Registro de Nascimentos de Castro. Livro n°25, Registro n° 84. **Léo Dinkhuysen**. Castro (PR), 1929.

<sup>12</sup> Registro de nascimento: Registro de Nascimentos de Castro. Livro n°26, Registro n° 234. **Haroldo Reynaldo Dinkhuysen**. Castro (PR), 1929.

carro que seu pai trouxe da Holanda especialmente para Jack, deslocaram-se no sentido sul.

Após uma breve estadia em Porto União, onde participou da criação da agremiação desportiva “Clube de Regatas Almirante Boiteux”<sup>13</sup>, Jack Dinkhuysen e sua família se instalaram em Canoinhas, Santa Catarina. Cidade essencialmente agrícola, de produção de lavouras e extração de madeira e erva-mate, Canoinhas estava em seu auge econômico. Os salões e teatros se proliferavam, trazendo consigo a demanda por músicos. Jack se aproximou de autoridades e importantes comerciantes locais, conquistando um espaço valioso no campo do entretenimento. Formou duas jazz bands – Oitibó e Tangará, muito requisitadas na cidade e redondezas. Montou uma escola de música e oficina de luteria, na sua casa, sita a Rua Vidal Ramos, 86. Por meio do seu trabalho, deu grande contribuição para a vida musical da cidade. Depois de ter enterrado um de seus filhos nas terras do Contestado<sup>14</sup>, partiu para o Rio Grande do Sul, no início de 1935.

Agora contava com breves 33 anos de idade. A vida de Jack, a partir deste momento, deu-se junto da companheira Mercedes Simon, com quem teve um filho, Jarbas Jakson Dinkhuysen. Mercedes Simon foi exímia pianista gaúcha, importante figura na região de Passo Fundo e Carazinho, sendo companheira de Jack também nos palcos – figuras indissociáveis. O casal viveu em diversos locais, passando por Porto Alegre, São Borja, Passo Fundo e Carazinho. As viagens profissionais para a Argentina e outras cidades do Rio Grande do Sul foram frequentes. Consta desse período, também, uma nova estadia no Paraná, em Carambeí, junto de familiares que também imigraram ao Brasil. Foi no Rio Grande do Sul que o maestro holandês criou raízes, lá residindo até os seus últimos dias.

---

<sup>13</sup> Jornal “Republica”. Ano I, n. 119. Florianópolis (SC), 18/03/1931.

<sup>14</sup> Nota de falecimento, publicada no jornal “Avante!” (Canoinhas (SC), 10 de Agosto de 1934):  
“Falleceu, a 8 do corrente, o inocente Gilberto Oscar, filho do sr. Jack Dinkhuysen, professor de musica aqui residente.”

---

As dificuldades do campo musical, mais ainda ressaltadas nas regiões do interior, não deixaram escapar o novo casal. Ir de cidade em cidade não era uma mera opção, mas sim uma necessidade dos artistas daquele contexto. Em entrevista à “Reminiscências” nos anos 1980, Mercedes Simon lembrou:

Tenho grandes recordações de São Borja, onde vivi dias de muitas felicidades e realizações. Não posso esquecer a fidalguia daquele povo e a nobreza dos gestos gaúchos. Conheci ali toda a família de Goulart, inclusive dona Neuza, esposa de Leonel Brizola, e jamais vou esquecer dona Vicentina Goulart, mãe de Neuza, que, vendo nossas dificuldades, sem que nada pedíssemos, ou tenhamos insinuado nossos problemas, certa ocasião nos levou uma razoável quantia em dinheiro, em forma tão discreta e amistosa que não nos constrangeu, mas nos sensibilizou profundamente, e que nos solucionou graves problemas - aliás este gesto era típico da família Goulart. (BARLEZE, 1983).

Em outra entrevista (SIMON, c. 1985, s/p, não publicada), afirmou: “Jack e eu saímos tocar em cidades vizinhas, em bailes, casamentos – enfim, *o que aparecia era peixe: pescava.*”

Da passagem de Jack por São Borja há dois fatos a serem destacados, ambos influenciados pelas importantes famílias da região. Foi empregado como professor de música no *Ginásio Estadual de São Borja*, estimulando a prática instrumental de bandas musicais. A convite dos Vargas, assumiu a banda do 2º *Regimento de Cavalaria Mecanizada do Exército Brasileiro* (não está claro, contudo, se o agrupamento se caracterizava como uma banda de música ou, a exemplo de outros regimentos daquele período, como uma jazz band). Esses foram os poucos cargos públicos ocupados por Jack, que trabalhava, sobretudo, com seus próprios grupos musicais. A grande consideração pelo maestro, na cidade, veio ao longo do tempo, tecida em meio as reuniões sociais, sempre animadas pelo duo com sua esposa Mercedes Simon, também levados à vizinha Argentina. Aliás, a aproximação e a busca de incentivo junto a autoridades e figuras políticas e socialmente importantes foi uma constante na biografia de Jack.

Finalmente, em meados dos anos 1940, Jack e Mercedes se estabeleceram, definitivamente em Carazinho. Atuavam com frequência na vizinha Passo Fundo, notadamente junto da “Orquestra Celio Barbosa”, grupo de um amigo próximo da família. Fundaram a “Jazz Típica Tabú”, que seria o principal e mais longo grupo dirigido pelo maestro Jack. Dentre seus integrantes estavam Jack Dinkhuysen (regência e acordeom), Mercedes Simon (piano), “Mulato” (bateria, cantor e *crooner*) e “Chico” Francisco Assis<sup>15</sup> (trombone). Consta que:

Sua orquestra foi sempre a mais solicitada no Estado; como artista músico, Jack demonstrava grande assimilação das músicas latinas e brasileiras (o tango), atuando com sua orquestra típica em *boites* (assim como em importantes acontecimentos sociais – bailes, shows e festividades beneficentes), por longo tempo - homenageava, com músicas de sua autoria, as rainhas dos clubes” (O NACIONAL, 1975).

Também sabemos que, através da “Jazz Típica”, havia viva convivência entre os músicos e “a rapaziada da época, pois era comum a participação nas matinês dançantes de Caixeiral e Passo Fundo, assim como a troca de caravanas em nossos carnavais, sem rivalidades, reinando a harmonia dos tons musicais” (BARLEZE, 1983).

Sobre a relação de Jack e Mercedes, os jornais a descreviam (e embelezavam) como se fora um “romance cinematográfico”, no qual *a família e sociedade se opunham ao amor avassalador, fazendo com que os jovens precisassem peregrinar pelo Rio Grande do Sul, em exílio amoroso, até que o tempo fizesse a cidade perdoar o pobre casal, dada a coragem e a sinceridade de seus sentimentos*. Era o segundo casamento de ambos e, certamente, os costumes da época devem ter influenciado a decisão do casal em deixar Carazinho rumo a São Borja e outros locais. Em suas atividades profissionais foram grandes colaboradores e uma importante parte da vida da família se deu em palco – o filho

---

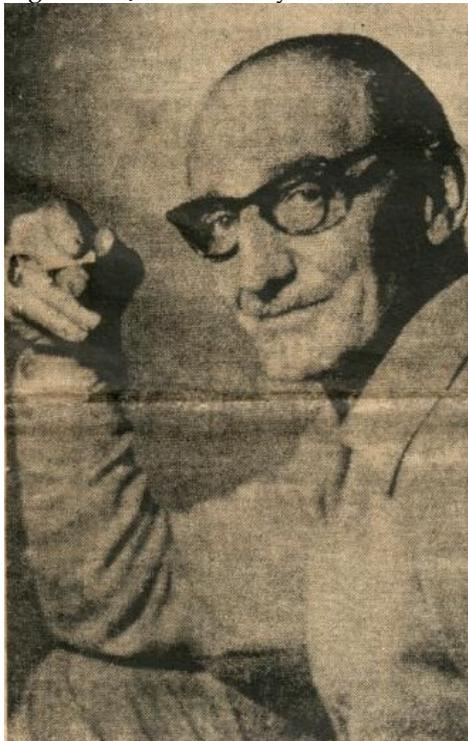
<sup>15</sup> Posteriormente, “Chico” se mudaria para Curitiba, com importante carreira na capital paranaense (“O Nacional”, Passo Fundo (RS), 11/11/1975).

Jarbas tem vivas lembranças de ter dormido várias noites atrás do piano, em bailes animados pelos pais. Sobre Jack, disse Mercedes em entrevista:

Toquei por muitos anos com o maestro Jack, meu marido, formado no Conservatório Musical da Holanda. Realmente foi um mestre, me deu lições e me ensinou segredos. Era um homem maravilhoso, enérgico – quando queria era porque queria mesmo. Como ele era comigo? Ah! Não tinha igual. Eu o conheci através da música. A primeira vista afinamos de cabeça e música, foi de igual para igual. (SIMON, c. 1985, s/p, não publicada).

Em Passo Fundo, Jack Dinkhuysen foi um dinâmico delegado da *Ordem dos Músicos do Brasil*. Deixou de atuar em 1971, devido a uma infecção no ouvido. Faleceu aos 73 anos de idade, em 1975, por complicações decorrentes de uma queda, tendo sido assistido, no Hospital de Caridade de Carazinho, pelo dr. Jarbas, filho do casal Mercedes-Dinkhuysen.

Figura 2 – Jack Dinkhuysen, c. 1960



Fonte: “O Nacional”, 1975

#### 4 MÚSICO EM TRÂNSITO

A movimentação de Jack Dinkhuysen pelo Brasil, partindo do Rio de Janeiro em direção ao Rio Grande do Sul, permitiu a expansão do seu conhecimento musical e profissional, assim como possibilitou ao músico exercer influência nas cidades em que passava. O conceito de “trânsito musical”, discutido em diferentes enfoques por autores como Napolitano (2019), Giller (2013, 2020) e Coelho (2013), explica que toda expressão musical nacional possui algum vínculo com os entrecruzamentos e transferências culturais transnacionais e transoceânicas (NAPOLITANO, *op. cit.*, p. 47). Nesta perspectiva, os músicos são agentes da transmissão de tradições, que forçosamente as carregam consigo e as ilustram em seus meios de atuação, difundindo práticas e perspectivas que se (con)fundem com os contextos pelos quais passam. O conhecimento destes trajetos permite o mapeamento do complexo processo de desenvolvimento musical nacional, seja com relação a estilo, grupos, instituições, impacto social ou estruturas culturais em geral.

Giller (2013a) aponta para a existência de um trânsito musical específico do eixo Sul do Brasil e da América Latina que, sendo por via terrestre ou marítima, apresenta particularidades em cada caso. Conforme a autora demonstra, muitos dos músicos que chegaram aos estados do sul, vindos principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, eram estrangeiros, movimentando-se através de portos ou estradas da região. O intenso trânsito dos anos 1920-30, sobretudo entre cidades de médio e grande porte, vinha no sentido de busca por espaços de atuação profissional, cujos enfoques artísticos podem ser entendidos por meio desta complexa rede de relações pessoais com o contexto. Clarindo (2021), em um mapeamento das jazz bands em Santa Catarina no século XX, demonstrou particularidades da atuação profissional no estado, propondo a existência de um círculo musical (entre músicos, grupos e instituições) que se comunicava entre regiões do estado, por via ferroviária.

O “trânsito” de Jack Dinkhuysen possui uma particularidade a ser destacada. Ao sair do Rio de Janeiro, o maestro não voltaria a atuar em capitais ou mesmo em cidades de médio porte. Deslocando-se pela estrada SP-RS, estabeleceu-se por curtos períodos em vilas em formação ou em pequenas cidades. Nestes locais ele pôde encontrar uma abertura imediata para a sua atuação, buscando tecer relações com figuras proeminentes das localidades que, através de suas influências, possibilitavam a sua inserção social e profissional. Nestes locais, o músico exerceu um forte papel de liderança, instruindo outros artistas e tomando decisões unilaterais sobre a atuação de seus grupos.

O principal vínculo mantido com outros centros culturais foi através das indústrias fonográfica e editorial, por meio das quais tomava conhecimento dos desenvolvimentos e novidades da área. Esse fato fica ilustrado quando da estreia de seu “Tangará Jazz” em 1934, ocasião na qual o cronista do jornal “Avante!” destacou que o conjunto deleitava o público com o que havia de mais moderno na época, através de materiais “que seu competente maestro timbra em adquirir assim que aparecem no Rio e São Paulo”<sup>16</sup>.

O empreendedorismo nas cidades de interior e o papel de protagonismo em suas iniciativas, fizeram com que Jack estivesse desconectado dos principais círculos artísticos do sul do país. Pelas características de sua carreira, solitária, Jack foi “um músico em trânsito” que, diferente de outros artistas estrangeiros alinhados aos movimentos entre ambientes profissionais do *mainstream*, optou por breves permanências em regiões de menor projeção cultural. Certamente, como já temos notícias, outros músicos contemporâneos a ele tiveram carreiras similares, causando um impacto direto nas sociedades interioranas. A influência destes músicos auxiliou na constituição das tradições locais das cidades em formação no início do século XX, cuja atuação deve ser investigada e incluída no rol da historiografia nacional.

---

<sup>16</sup> Jornal “Avante!”. Ano IV, n. 170. Canoinhas (SC), 27/01/1933.

## 5 JACK DINKHUYSEN EM SANTA CATARINA (1931-1935)<sup>17</sup>

As estadias de Jack Dinkhuysen nas várias cidades em que viveu no Brasil, antes de se instalar definitivamente no Rio Grande Sul, tiveram duração média entre 3 e 7 anos. O momento em que esteve em Santa Catarina se situa após o período em Castro (no qual casou-se com Maria da Glória e teve os três primeiros filhos) e antes de sua chegada em Passo Fundo (quando teve a última filha com a primeira esposa e separou-se). Foi em Santa Catarina que Jack se firmou como músico e maestro de jazz bands, além de ter aberto uma pequena escola de música e um ateliê de luteria, participado da formação de uma Sociedade Musical e realizado um festival de música, envolvendo a criação de uma orquestra de amadores. Apesar de ter conquistado um importante espaço no cenário musical canoinhense e nas cidades vizinhas, a sua passagem por Santa Catarina foi marcada por grandes dificuldades financeiras e, ao cabo de cinco anos de trabalho, pela frustração dos planos traçados.

### 5.1 SOCIEDADE MUSICAL DE CANOINHAS

Em 1930, Canoinhas já havia sido vila, distrito e município de Santa de Cruz e, ainda, município de Ouro-Verde. Cada nome marca um momento da história canoinhense, que teve o seu núcleo urbano estruturado a partir da década de 1880, chegando em seu auge econômico 50 anos depois. Já a partir dos anos 1910, a sociedade da pequena vila demonstrava a necessidade de criação de centros de divertimento e entretenimento, fundando-se salões e instituições para os diferentes extratos sociais já existentes. Quanto mais a cidade se desenvolvia, maior era a estrutura musical das suas agremiações.

---

<sup>17</sup> As referências para esta discussão são as edições do Jornal "Avante!", de Canoinhas (SC). Foram consultados os volumes do início de 1930 ao fim de 1935, encontrando-se menções sobre Jack Dinkhuysen de 1931 a janeiro de 1935.

Sobre Canoinhas, enquanto o jornalista de 1916 dizia que “num lugar pequeno, cuja vida desliza pacata e sossegadamente, um pobre cronista vê-se em palpos de aranhas, em verdadeiro apuro quando tem que dar a ler qualquer coisa”<sup>18</sup> aquele de 1930 afirmava que “o meio intellectual é pequeno; mas do ponto de vista social, é um padrão para as cidades do interior.”<sup>19</sup> Este último continua, explicando:

As suas principais agremiações recreativas são: o Clube Canoinhense [1922], cuja sede é a sala de visitas e o índice do progresso local, constituído dos elementos mais representativos do nosso meio; o Bouquet Club [1915], agremiação feminina, constituída dos mesmos elementos; União Operária Beneficente [1922], que alia a recreação à solidariedade humana através da assistência aos consócios; a “Sociedade Poloneza”, que mantém uma escola sob fiscalização directa do governo e também é centro de diversões socieaes, tais como: theatros, bailes, etc; “Liga Dansante”, composta da mocidade empregada no commercio; as associações sportivas e o “Grupo Dramatico Renascença”, constituído por elementos da nossa melhor sociedade, amadores do palco.

Segundo o *Almanak Laemmert* (1925, p. 1142-1443), com seus 3.000 habitantes, em 1925 Canoinhas possuía 4 teatros e cinemas, 11 associações recreativas, 2 salões de bilhar, 2 cafés, 2 cervejarias e 2 jornais de publicação periódica (!). Carecia de associação musical, contudo. *Sensível lacuna*, como seria dito.

Logo antes da chegada de Jack Dinkhuysen, três fatos marcaram o contexto do entretenimento em Canoinhas. Em 1927 aconteceu a inauguração da nova sede do “Club Canoinhense”, a principal instituição social da época e até hoje existente. Em 1930, houve a criação do “Theatro 15 de Novembro”, de Leo Schramm. No mesmo ano, o início do jornal “Avante!”. As duas instituições (Club e Theatro) seriam competidoras diretas, buscando, cada uma com seu perfil, atrair o público canoinhense. Neste contexto, o “Avante!”, único jornal da cidade, cumpriria um importante papel. Apesar de anunciarem para ambas as casas, contudo, Pedro Torrens

---

<sup>18</sup> Jornal “O Leque”. Canoinhas (SC), Ano 1, n° 1, 10/09/1916.

<sup>19</sup> Jornal “Avante!”. Canoinhas (SC), Ano 1, n°26, 03/08/1930.

---

e Jau Guedes (proprietário e redator do jornal, respectivamente), eram consorciados com Leo Schramm. Daí vem o maior destaque e apelo nas publicações relativas ao teatro, incluindo os músicos que nele atuavam.

Para nós, esta constatação é importante, pois foi justamente com Leo Schramm que Jack Dinkhuysen se associou, desde o início do seu período em Canoinhas. O destaque dado no jornal ao músico, seus grupos e iniciativas, deixa claro o intuito de propaganda. É interessante notar que nos números do “Avante!” anteriores a 1931 e posteriores a 1935 pouco (ou nenhum) enfoque é dado aos grupos que tocavam nos bailes e festas da cidade, habitualmente sequer mencionados. Da mesma forma, artigos falando sobre um músico local só são observados quando das parcerias de Jack com o Theatro 15 de Novembro.

Não sabemos a data precisa da chegada de Jack em Canoinhas, mas é certo que foi em 1931, após uma breve estadia em Porto União. É provável que tenha buscado contatos com empresários, comerciantes e políticos locais, enquanto se familiarizava com a cidade e se integrava no meio profissional. Desta rede veio, em dezembro de 1931, a criação de uma Sociedade Musical, tendo Jack Dinkhuysen como mentor, já ilustrando o prestígio alcançado. Ao que indica, o empreendimento veio no sentido de suprir as demandas do jovem Theatro 15 de Novembro. Lemos, no “Avante!”<sup>20</sup>:

Fundou-se nesta cidade, no dia 10 do corrente [dez/1931], uma sociedade musical, que terá como regente o sr. Jack Dinkhuysen, cuja directoria provisória ficou assim constituída: Presidente, Octavio X. Rauen; Vice-Presidente: Leo Schramm; 1º Secretario, Anacleto Carli; 2º Secretario, Alfredo Carneiro; 1º Thezoureiro, Alvaro Azambuja; 2º Thezoureiro, Agenor Vieira Corte e Orador, Jau Guedes da Fonseca.

“Diretoria de ilustres”. O próprio Pedro Torrens, proprietário do “Avante!” e apoiador da Sociedade Musical, era o então prefeito municipal. Dentre os membros desta diretoria provisória, destacamos: presidência, Cel. Octavio Xavier Rauen e Leo

---

<sup>20</sup> Jornal “Avante!”. Ano II, n. 90. Canoinhas (SC), 13/12/1931.

Schramm: ex-prefeito de Canoinhas e proprietário do Theatro 15 de Novembro, respectivamente; dentre os secretários, Anacleto Theogenes Carli: escriturário do Conselho Municipal, bancário, futuro diretor do Banco Mercantil do Paraná; dentre os tesoureiros, Agenor Vieira Corte: 2º Tabelião de Canoinhas; orador, Jau Guedes da Fonseca: advogado e promotor público, redator chefe do “Avante!” e, futuramente, Secretário do Estado da Fazenda de Santa Catarina. Nenhum músico, contudo. A participação ativa da diretoria na Sociedade Musical seria a cargo de Leo Schramm, através do seu teatro, e de Jau Guedes da Fonseca, por meio do jornal.

Independentemente dos planos iniciais da nova sociedade, o redator do “Avante!” não poderia adivinhar o futuro e, pela imprevisibilidade da história, podemos, através das publicações do jornal, traçar o desenvolvimento e alteração de sua identidade, em um curto período de tempo. Inicialmente uma associação com diretoria e planos de se estabelecer como instituição, representada por uma jazz band, contando com o apoio popular para o aprimoramento de sua estrutura física. Mudança de rumos: logo em janeiro de 1932 se estabeleceu unicamente como um grupo musical, desfazendo-se a diretoria e centralizando-se a gestão nas mãos de Jack. Esta jazz band adotaria dois nomes, “Oitibó” (1932) e Tangará (1933-1935), sempre dirigida por Jack Dinkhuysen. A única constante da sociedade (se podemos considerar que existiu em diferentes formatos) é a ligação do grupo musical com Leo Schramm, Jack Dinkhuysen, o Theatro 15 de Novembro e, pela colaboração, o “Avante!”. O seu fim é marcado, justamente, quando da mudança de Jack de Canoinhas, no início de 1935.

A estreia da jazz band da Sociedade Musical se deu em 25 de dezembro de 1931, na cerimônia da “Sociedade Gymnastica Jahn”, da comunidade germânica local – empreendimento também apoiado por Leo Schramm. Lemos, duas semanas após a fundação da Sociedade Musical<sup>21</sup>:

---

<sup>21</sup> Jornal “Avante!”. Ano II, n. 92. Canoinhas (SC), 28/12/1931.

Conforme estava anunciado e era esperado ansiosamente, teve lugar no dia 25, á noite, nos salões do Theatro 15 de Novembro, a inauguração da Sociedade Gymnastica, “Jahn”. Iniciativa da colônia alemã. [...]. Rompe, ruidosa, frenética, a musica do novo conjunto que se organizou na cidade, dando começo ás danças. Sobe a poeira para o tecto. Multiplicam-se os pares. Todos riem de satisfação. O baile animou-se breve e assim permaneceu até quase de manhã. Mais do que a disposição dos dançarinos foi causa da duração da festa em permanente brilho, o “jazz-band” que sem cansaço aparente, executou um grande repertorio. Os que dançavam nem tinham tempo de descansar.

Figura 3 – Prédio do Theatro 15 de Novembro, posteriormente sede da Sociedade Beneficente Operária, anos 1930. Festival da Sociedade Gymnastica “Jahn”. Banda de música à esquerda.



Fonte: Arquivo Histórico, Fundação Cultural de Canoinhas

A notícia da criação de uma nova banda regida por um maestro estrangeiro – agora já estreada – deve ter animado a pequena cidade. A comunidade se movimentou para auxiliar o grupo, realizando campanhas de arrecadação de dinheiro para compra de instrumentos. A título de ilustração, destacamos duas destas ocasiões, de dezembro de 1931<sup>22</sup> e de janeiro de 1932<sup>23</sup>, respectivamente:

<sup>22</sup> Jornal “Avante!”. Ano II, n. 92. Canoinhas (SC), 28/12/1931.

<sup>23</sup> Jornal “Avante!”. Ano III, n. 95. Canoinhas (SC), 21/01/1932.

#### CINEMA EM BENEFÍCIO

A sessão cinematographica de hontem foi em beneficio da caixa da banda musical, recentemente fundada, para, juntamente com as demais collectas, se adquirir os respectivos instrumentaes.

A affluencia numerosa bem demonstrou a boa vontade que todos têm em ver Canoinhas dotada de um conjunto musical, preenchendo tão sensível lacuna.

#### REPRESENTAÇÃO THEATRAL

Pela Associação de Amadores Theatraes “Renascença”, foi levada á scena, domingo ultimo, no Theatro 15 de Novembro, a bellissima e moderna comedia “O Chá do Sabugueiro” de autoria de Raul Pederneiras. Os diversos amadores desempenharam com brilho os seus papeis, agradando a numerosa assistência, que não lhes regateou applausos.

A renda liquida foi entregue ao “Jazz Oitibó”, para auxiliar a compra dos novos instrumentaes.

Note-se que a Sociedade Musical nasceu com uma “diretoria de ilustres”, mas foi beneficiada pela população em geral, a quem se destinava.

#### 5.1.1 Jazz band “Oitibó”

As menções ao jazz band “Oitibó” datam de 1932, com participações nos clubes de Canoinhas e das vizinhas Três Barras, Porto União, União da Vitória e Rio Negro. A “Oitibó”, sempre sob direção do maestro Jack, também pianista do grupo, veio a substituir a “Jazz-Band de Três Barras”, o principal grupo local do gênero, que antes dominara o mercado do entretenimento.

Isso fica bastante claro se comparamos a descrição da inauguração da nova sede do Club Canoinhense, em 1927<sup>24</sup>, e a primeira aparição do novo grupo sob o nome jazz band “Oitibó”, no ano-novo de 1932<sup>25</sup>, na mesma instituição:

[INAUGURAÇÃO DA SEDE DO CLUB CANOINHENSE EM 1927]

O conjunto escolhido foi o “Jazz-Band”, de Três Barras, um dos melhores grupos musicais da região. Os sócios e os convidados compareceram em peso, todos vestidos a rigor. As damas de longo, e os cavalheiros de fraque. O baile

---

<sup>24</sup> História do Clube Canoinhense, pela instituição. Disponível em <https://canoinhasteniclube.wixsite.com/elite/historia>. Visitado em fev/2022.

<sup>25</sup> Jornal “Avante!”. Ano II, n. 93. Canoinhas (SC), 03/01/1932.

foi um sucesso absoluto, e só terminou com o dia clareando. O repertório variado agradou bastante o público, as músicas mais tocadas foram os maxixes, de Chiquinha Gonzaga, tangos portenhos, alegres galopes, fox-trots, sambas dolentes e marchinhas carnavalescas. Como de costume, as senhoras de um lado do salão, e os homens do outro.”

A PASSAGEM DO PRIMEIRO DO ANO [DE 1932]

Era já quasi meia noite, quando começou a animar o baile do Clube Canoinhense. Os salões transbordavam de convivas. A indumentaria feminina imprimia um elevado cunho de elegância, luxo e distinção. A par deste característico estava a ornamentação do recinto. Original e artística, muito contribuiu para o esplendor da festa. O jazz-band, de Tres Barras, no velho e alto conceito que manteve longos anos, já está velho para poder competir com o Jazz-Oitibó, a novel agremiação musical, que o veio substituir pela madrugada e levou o prolongamento do baile até às 6 da manhã.<sup>26</sup>

A agenda da jazz band de Jack Dinkhuysen logo após a sua estreia oficial foi bastante concorrida. Ela coincidiu, naturalmente, com as festas de fim de ano e de carnaval. É possível que o início do grupo tenha sido programado para este fim. Destacamos, na tabela a seguir, os compromissos do primeiro bimestre de atividades da Sociedade Musical, representada pelo Jazz band “Oitibó”, noticiadas pelo “Avante!”:

Quadro 2 - Agenda da jazz band “Oitibó” (dez.1931 – fev.1932), conforme informações do “Avante!”

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Evento</b>
25/12/1931	Theatro 15 de Novembro	Inauguração da Sociedade Gymnastica
27/12/1931	Cinema	Campanha de arrecadação
31/12/1931	Theatro 15 de Novembro	Ano-novo
01/12/1932	Club Canoinhense	Ano-novo
03/01/1932	Cinema	Baile de domingo
16/01/1932	Club Rionegrense	Baile em Rio Negro-PR
17/01/1932	Theatro 15 de Novembro	Campanha de arrecadação
06/02/1932	Município	Carnaval
07/02/1932	Club Canoinhense	Vespéral dançante
07/02/1932	Theatro 15 de Novembro	Baile de Carnaval
08/02/1932	Theatro 15 de Novembro	Vespéral dançante
08/02/1932	Sociedade Poloneza	Baile de Carnaval
09/02/1932	Club Canoinhense	Baile de Carnaval

Fonte: O autor

<sup>26</sup> A última menção encontrada ao “Jazz-Band de Três Barras” é de junho do mesmo ano.

Dentre estas ocasiões, algumas já mencionadas anteriormente, a viagem a Rio Negro-PR nos chama a atenção. Lemos<sup>27</sup>:

JAZZ OITIBÓ

Esteve sábado em Rio Negro, onde foi contractado para tocar no baile do “Club Rionegrense”, este apreciado conjuncto musical, dirigido pelo musicista Jack Dinkhuysen.

Em palestra com um dos membros do Jazz Oitibó, soubemos do sucesso alcançado naquela cidade, onde nossos amadores musicaes se houveram com muito brilho, sendo cumulados de gentilezas por parte dos sócios daquela sociedade.

Não temos conhecimento de atuação profissional de grupos canoinhenses do gênero em cidades vizinhas, naquele contexto. Não foi incomum a presença de músicos itinerantes na cidade, que atuavam em toda a região, tais como Jack. A presença do holandês em Canoinhas certamente possibilitou a expansão do campo de atuação dos músicos da cidade.

Após a “febre” do “Oitibó” na virada do ano, as aparições ficaram cada vez mais escassas ao longo de 1932 (há menções em março, junho e outubro, apenas). A preocupação com a propaganda fica nítida à época da Páscoa daquele ano. Foram programados três bailes com a participação do grupo – no Club (26/03) e no Theatro (27 e 28/03) – amplamente anunciados. Em edição do “Avante!” do dia 24/03, foi publicada uma nota sobre a jazz band, ressaltando a adição de novos membros e de repertório atualizado, além de dar destaque à figura de Jack Dinkhuysen<sup>28</sup>:

JAZZ OITIBÓ

Esta novel organização musical, dirigida pelo musicista Jack Dinkhuysen, tem tido continuados ensaios, juntando ao seu repertorio as mais modernas composições, bem como dele fazendo parte novos elementos.

A sociedade canoinhense terá, assim, a oportunidade de apreciar o querido conjuncto musical, nos bailes que realizarão pelas festas da Paschoa, pois o “Jazz Oitibó” promete animal-os com a execução de bellissimos numeros, dentre os quaes duetos, acompanhados ao piano pelo sr. Dinkhuysen.

---

<sup>27</sup> Jornal “Avante!”. Ano III, n. 95. Canoinhas (SC), 21/01/1932.

<sup>28</sup> Jornal “Avante!”. Ano III, n. 103. Canoinhas (SC), 24/03/1932.

É natural que, em uma cidade pequena, essencialmente rural, as atividades recreativas fossem concentradas em momentos específicos do ano. Era comum, então, que os músicos locais trabalhassem em outras áreas da vida urbana, tais como o comércio, estação ferroviária ou em gabinetes públicos. Jack, por outro lado, dependia exclusivamente da renda enquanto músico. Quando não estava em palco, dedicava-se ao ensino.

### 5.1.2 “Tangará” jazz band

O ano-novo de 1933 marcou uma nova fase da atuação de Jack em Canoinhas. Desapareceu o “Oitibó” e surgiu o “Tangará”. Estratégia comercial? Talvez – apesar de ter os mesmos membros, a jazz band do maestro Jack adotou uma nova personalidade, mais enérgica. Já não era a banda que precisava de campanhas de arrecadação de dinheiro e do apoio popular para existir. Viria a promover bailes temáticos (“à japonesa”, “caipira”, etc.) e festivais de arte, atualizar o seu repertório e expandir a atuação. Tudo noticiado. O “Tangará” foi mais longo que o “Oitibó” (jan - dez/1932), contando com 2 anos completos de atividades (jan/1933 - jan/1935).

É visível que a postura de Jack foi a de buscar espaço junto da “alta sociedade” canoinhense. Criou-se uma diretoria da jazz band, que promoveu eventos em homenagem a senhoritas e outras personalidades locais. O maestro Jack compunha músicas para estas ocasiões, fazendo dedicatórias públicas – atitude que adotou na sua carreira. Um exemplo vem de janeiro de 1933<sup>29</sup>, de um baile no Club Canoinhense em homenagem a “madrinha do Tangará”, da influente família Ritzmann:

Oferecido pela Directoria do “Tangará Jazz” e em homenagem a sua madrinha, senhorita Maria Ritzmann, realizou-se a 6 do corrente animado baile nos salões do Club Canoinhense.

---

<sup>29</sup> Jornal “Avante!” Ano IV, n. 169. Canoinhas (SC), 13/01/1933.

Essa festa, que decorreu animadíssima e n’um ambiente de grande alegria, terminou alta hora da madrugada.

O magnifico conjunto musical deliciou a assistência com primorosos números de musica, sendo offerecido à hommenageada, pelo mesmo conjunto, uma corbelha de flores naturaes.

Da mesma edição do “Avante!”, destaca-se a participação do grupo no baile de coração da “Rainha dos Estudantes” (também de importante família, os Selemes):

“Terá lugar hoje, no Club Canoinhense, o grande baile de coração da Rainha dos Estudantes, senhorita Rosinha Seleme, para o qual reina muita animação. O mesmo baile será impulsionado pelo “Tangará Jazz””.

Assim como fora feito no carnaval de 1932, em 1933 foi publicada uma elogiosa nota ao grupo do holandês, buscando atrair a atenção para esse. Na passagem que transcrevemos a seguir, mais uma vez fica aparente a aproximação a uma classe social específica, “corbelha de jovens, victorias-regias de nosso meio feminino”. Destaca-se, no texto, a novidade e a modernidade da jazz band de Canoinhas, que se alinhava ao que havia de mais recente nos grandes centros. Lemos<sup>30</sup>:

#### ‘TANGARÁ JAZZ’

O nosso conjunto musical faz juz ao titulo que se lhe deu. Afinado, deleitando pela harmonia dos acordes das valsas lentas, ou electrizando pelos sambas, rancheiras, marchas e fox-trots moderníssimos, que seu competente maestro timbra em adquirir assim que apparecem no Rio e São Paulo, ao ‘Tangará Jazz’ está fadado a um futuro brilhantíssimo.

Para os festejos carnavalescos deste anno, possui já ensaiado um numero soberbo de soberbas creações dansantes, apparecidas naquelas duas capitães nestes ultimos dias.

O baile de hoje, á Japoneza, oferecido á sociedade canoinhense por uma corbelha de jovens, victorias-regias de nosso meio feminino, vae marcar, por certo, um grande triumpho ao gosto apurado e á requintada elegancia artística de nosso pequeno, mas adiantado ambiente social.

O ‘Tangará Jazz’ está a altura do meio a que se destinou. Deleita aos que o escutam. Electriza aos que dansam; eleva, em summa, o nome de nossa terra.

---

<sup>30</sup> Jornal “Avante!”. Ano IV, n. 170. Canoinhas (SC), 27/01/1933.

Ao longo dos anos de 1933 e 1934, o "Tangará" marcou participação em bailes e festas das principais instituições da cidade. Sempre em alta estima pelo "Avante!", é mencionado como "o conhecidíssimo Jazz Tangará", "a vibração carnavalesca" e "o excelente e querido conjunto local". A última aparição do grupo é datada do baile de ano-novo do Club Canoinhense, de 1934-5<sup>31</sup>. Foi, junto do "Oitibó" e da efêmera Sociedade Musical, a vitrine de Jack Dinkhuysen em Santa Catarina.

## 5.2 ENSINO

Além da atividade com seus grupos musicais, Jack deu aulas de música em Canoinhas. Apesar de ter a sua formação como pianista, aceitava alunos de qualquer instrumento e, também, de canto. As aulas eram ministradas em sua casa e, também, nas casas dos alunos. Desde a chegada das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora, fundando o Colégio Sagrado Coração de Jesus (1921), o ensino musical de Canoinhas esteve a cargo das religiosas, sobretudo de irmã Maria Carolina Gross, vinda da Áustria. Jack encontrou, por isso, muitas pianistas e alguns violinistas na cidade, a quem logo arregimentaria como seus alunos.

Podemos notar duas fases da sua prática docente: 1931-1932, com pequena projeção e poucos anúncios no jornal; 1933-1934, com a realização de apresentações públicas e a divulgação de grandes planos na área do ensino, com pretensões de criação de uma Sociedade Musical e Literária, em caráter oficial. Estas fases têm características semelhantes as observadas com relação as suas bandas, sendo, provavelmente, decorrentes da visibilidade alcançada nos palcos.

Em julho de 1934, conforme veremos na subseção seguinte, foi realizado um festival no qual os alunos de Jack e amadores locais formaram uma orquestra e apresentaram um programa envolvendo apresentações a solo e em grupo. Este evento

---

<sup>31</sup> Jornal "Avante!". Ano V, n. 197. Canoinhas (SC), 06/01/1935.

deu grande projeção ao holandês como professor de música, ao que se seguiram divulgações de seus planejamentos. Lemos<sup>32</sup>:

ESCOLA DE MUSICA

As aulas de musica do professor Jack Dinkhuysen constituíram-se em uma escola de musica, devido a que esse conhecido maestro pretende conceder aos seus alunos prêmios, para maior estímulo, e dar a conhecer aos srs. Paes, por meio de boletins, o gráo de adiantamento verificado.

Disse-nos também o sr. Jack Dinkhuysen ser seu interesse a breve convocação de pessoas entusiasmadas para o fim de ser organizada nesta cidade uma Sociedade musical e literária.

Louvamos os objetivos em perspectiva e somos dos que aplaudem a feliz ideia da organização almejada.

Não há indícios de que os planos tenham se concretizado, contudo, dentre as alunas de Jack, destacava-se Helmy Wendt, que continuou os estudos superiores de piano no Instituto Messing (Curitiba-PR), tornando-se um dos principais nomes da música canoinhense. Compositora do Hino do Cinquentenário e Municipal, foi homenageada através da criação da Fundação Cultural “Helmy Wendt Mayer”, autarquia municipal de Canoinhas (Lei Municipal 2.880, de 30/06/1997).

Em 2014, em conversa informal com Tercia Oliveria, a ex-aluna de piano de Jack e participante do festival de 1934 lembrou com carinho do professor, explicando que, apesar do apoio das famílias locais, a cidade não comportava os empreendimentos do maestro, o que poderia ter feito com que deixasse a cidade alguns meses depois do festival.

---

<sup>32</sup> Jornal “Avante!”. Ano V, n. 183. Canoinhas (SC), 15/06/1934.

Figura 4 – Anúncio de Jack Dinkhuysen, “Avante!”, 1931. Aulas de instrumentos e reparos em instrumentos musicais



Fonte: Arquivo Histórico, Fundação Cultural de Canoinhas

### 5.2.1 Festival de Arte (1934)

Um fato marcante da passagem de Jack Dinkhuysen por Santa Catarina foi a realização de um “festival de arte”, em 16 junho de 1934. O evento teve como mote a comemoração dos 15 anos de formatura do maestro no Conservatório Real de Haia (1919-1934). Realizado no salão da Sociedade Beneficente Operária (no local do antigo Theatro 15 de Novembro), teve colaboração de grupos de teatros amadores, de seus alunos e os das irmãs franciscanas, do “Tangará” jazz band, de músicos amadores e, como auxiliar da produção, Joannita Chalbaud Misurelli, diretora da Pia União das Filhas de Maria e incentivadora cultural da cidade, com quem Jack colaborou em diversas ocasiões. O festival foi amplamente divulgado pelo “Avante!”, assim como foram distribuídos panfletos e programas ao longo da semana. Consta que o evento foi frequentado com lotação máxima e que teve boa receptividade do público.

A divulgação do festival foi realizada por mais de um mês, sendo atualizadas, em cada edição do “Avante!”, as informações relativas ao programa que, ao fim, teve diversas alterações. A título de ilustração, transcrevemos um dos anúncios, de maio de 1934<sup>33</sup>:

#### GRANDE FESTIVAL DE ARTE

Nos começos de Junho entrante será levado a efeito, no palco da Sociedade Beneficente Operaria, um grande festival artístico promovido pelo maestro Jack, em comemoração ao 15º aniversário de sua collação de grau pelo Conservatorio de Musica de Haya.

Do programma, organizado com acurado esmero, consta uma grande Orchestra com mais de vinte figuras, amadores da musica de nossa terra que fazem a arte pelo amor da arte. Será, em Canoinhas, a primeira vez que se assistirá a vibração conjunta dos que aqui mourejam e dedicam as horas de lazer á arte inegalavel dos sons.

A grande orchestra dirigida pela batuta do maestro Jack, estamos certos, agradará plenamente a exigencia artística da pequena mas culta plateia de Canoinhas.

Além do numero sensacional que mencionamos acima, teremos a oportunidade de applaudir aos alumnos de Jack em um programma lindo e de apurado gosto; concerto á dois pianos, cada piano á quatro mãos; números de violino e piano; tercetos, quartetos, etc. etc.

Para que seja completa a noitada artística do grande festival, assistiremos também elementos nossos, genuinamente nossos, interpretar com sabedoria, a uma comedia moderníssima, de fino e elevado gosto que por certo desopilará o fígado de todos os que acorrerem ao Theatro da Sociedade Operária.

Haverá números de surpresa que augmentarão o encanto da grande festa. Opportunamente o programma será publicado na íntegra.

O maestro Jack, que já há 15 annos dipomou-se em Haya, na Hollanda, é um desses espíritos talhados para a musica. Alma sensível de artista, nos momentos de inspiração, interpretando os mestres, ou creando com sublime elevação, ele arranca do teclado maravilhas de harmonia, que encantam, arrebatam, extasiam.

É a alma de Jack vibrando que assistiremos na grande noitada de princípios de Junho.

Todos, pois, ao confortável Theatro da Praça Lauro Müller, naquela noite para ouvir e applaudir a língua que todos compreendem, a linguagem dos sons, na maravilha harmônica das orchestrações.

---

<sup>33</sup> Jornal “Avante!”. Ano V, n. 178. Canoinhas (SC), 12/05/1934

Transcrevemos, também, para fins de registro, a matéria relativa ao festival, de redator anônimo, de junho de 1934<sup>34</sup>:

#### FESTIVAL DE ARTE DE JACK DINKHUYSEN

##### *Impressões de um admirador da Arte*

A chuva torrencial que banhou esta cidade durante todo dia 16 deste mez, dia esse designado para o grande festival artístico do maestro Jack Dinkhuysen, em comemoração ao 15º aniversário de sua formatura pelo Conservatorio de Haya, não logrou desanimar ou mesmo assustar os admiradores do talento musical do grande maestro.

S. Pedro perdeu, pois, a partida.

Jack Dinckhuysen, o apreciado maestro, é muito jovem ainda. Conta somente trinta e dois anos. É por isso mesmo que o seu talento commove.

Luctador infatigavel, é figura imprescindível nos meios culturaes desta cidade, onde impõe-se com suas produções e execuções, revestidas sempre de uma tocante harmonia e demonstram um estudo profundo.

No dia 16 o grande maestro apresentou á plateia de Canoinhas seus alunos, um conjuncto admiravel e que eleva em nosso conceito artístico o talento musical de Jack Dinkhuysen.

Á noite desse dia o salão da Sociedade Operaria encheu-se de uma assistência selecta e culta, ávida pelo inicio do magnifico concerto anunciado.

Ás 9 ½, mais ou menos, teve começo o garboso programma.

Silencio profundo.

A deusa da musica imperava naquele ambiente áquella hora.

Helmy Wendt esteve admiravel na execução da grande fantasia de Faust; Lily Grabowsky, muito mimosa em Tico-Tico no fubá. Tercia Oliveira, em grande fantasia da opera Guarany, esteve esplendida. Almerindo Ehlke, em Estéliuha, lindo tango-canção, esteve a contento; possui boa voz mas falta educar-a um pouco mais.

Primeira valsa – esse numero causou sucesso, dado o pouco tempo de estudo da alma; foi executado pela interessante pequena Iracy Costa. Norma – grande fantasia da opera, por Lourdes Fontana; esse numero agradou muito; a executante tocou com bastante desenvoltura e sentimento. Tango mio, por pequena orchestra do professor Jack, alcançou sucesso; todos sahiram-se bem. Andrezita Torrens em Seliges Glück e Lourdes Wendt em Musica allemã, agradaram muito. Traviata, por Helmy Wendt, tocada com muita firmeza e que demonstrou que essa pequena não teme o teclado. Samba brasileiro – piano a quatro mãos, por Tercia Oliveira e Lourdes Fontana; esse lindo e interessante numero agradou sobremaneira. Dichter und Bauer – overture – piano a 4 mãos; Helmy Wendt e prof. Jack; formidável esse numero.

Ao terminar cada execução eram expontaneos os applausos e no final do lindo programma foram todos alvos de uma prolongada e vibrante salva de palmas, que bem demonstrou o elevado grão de entusiasmo da plateia de Canoinhas. Todos os numero foram desempenhados com garbo e firmeza, entretando a justiça manda que se destaque em primeiro plano Helmy Wendt. Essa

<sup>34</sup> Jornal "Avante!". Ano V, n. 182. Canoinhas (SC), 26/06/1934

pequena alumna do maestro Jack é uma promessa. Firme na execução, senhora do teclado, a sua pequenina alma harmonisa-se admiravelmente com a musica.

Parabens ao ilustre maestro Jack Dinkhuysen pelo sucesso alcançado com o seu primeiro concerto em Canoinhas, e fazemos votos para que mui breve tenhamos a satisfação de assistir a um segundo.

Entre a primeira e a segunda parte, subiu ao palco a inteligente menina Carmen Misurelli, que oferecendo um lindo ramalhete de flores naturaes ao maestro Jack, em nome da família Canoinhense, disse o seguinte discurso que foi muito aplaudido pela enorme assistência:

“Illmo. Maestro Jack Dinkhuysen.

Festejando hoje o nosso 15º aniversario de formatura musical, tivestes a feliz lembrança de offerecer esta noitada de arte, vibrante, á sociedade de Canoinhas. Na minha alma de criança não encontro palavras sufficientemente bellas para enaltecer os méritos, assim como as vossas produções e execuções que arrebatam os nossos sentidos para um mundo de belezas incomparáveis! Entre a alma de um artista e as flores, ha toda a afinidade – eis porque a família Canoinhense, num gesto expontaneo de admiração e simpatia, resolveu, por meu intermédio, oferecer-vos este ramalhete que falará mais alto ao vosso coração, do que quantas palavras possam dizer os meus infantis e inexpressivos lábios.

Cabe destacar a ausência da orquestra de amadores na ocasião. Por conta de um imprevisto, que não ficou esclarecido, a apresentação do grupo, sob regência de Jack, foi transferida para o dia 30 do mesmo mês. Fez parte de um festival artístico beneficente, de arrecadação de recursos para a construção da Igreja Matriz de Canoinhas, evento este organizado por Joannita Chalbaud Misurelli<sup>35</sup>.

A apresentação da fantasia da ópera Tosca (um dos pontos altos da carreira de Jack no Brasil, sempre mencionado) é um marco para a história da música em Canoinhas e região. Até onde pude constatar, foi a primeira montagem orquestral com músicos locais. Ela aconteceu naquele momento específico por conta do desenvolvimento das estruturas de ensino musical (institucionalizadas ou não) já a

---

<sup>35</sup> Conforme o “Avante!” (Ano V, n. 182. Canoinhas (SC), 26/06/1934): “É finalmente no próximo sabbado, dia 30, que teremos a feliz oportunidade de assistir ao grandioso festival em beneficio da nossa Matriz, organizado pela talentosa Joannita Chalbaud Misurelli Um dos motivos de grande atração será, por certo, a execução da grande fantasia da opera Tosca, que por um lamentável acidente não pode ser levado no concerto do dia 16, sendo introduzido no programma do festival de sabbado.”

partir dos anos 1920, e pela presença do maestro Jack na cidade – fator determinante. Não houve outra iniciativa similar por muitos anos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do maestro Jack Dinkhuysen possibilitou a expansão dos horizontes da jovem Canoinhas dos anos 1930. As regiões do interior de Santa Catarina, até hoje distantes dos roteiros culturais, com *status* contínuo de periferia estadual, possuem uma rica trajetória que também merece o seu lugar nos anais da história. Com Jack, a comunidade canoinhense experienciou um cenário artístico particular, fruto da sua visão e trabalho. Apesar da acolhida da sociedade, o momento ainda não era propício para comportar os projetos do maestro. Sua passagem por Santa Catarina (não diferente da de outros músicos de seu tempo) fica bem ilustrada em um excerto de carta anônima, publicada em sua homenagem, no “Avante!” de 1934<sup>36</sup>:

Orgulhosa deve sentir-se Canoinhas em abrigar em sua sociedade tão grande temperamento artístico. E, entretando, esse grande compositor, lucha, lucha para ganhar o pão quotidiano.

Ri o palhaço sobre a arena, fazendo rir gostosamente uma assistência numerosa e inconsciente e não sabe ella que o infeliz, a gargalhar, oculta muitas vezes um soluço!

Jack Dinkhueusen, animando o pessoal do seu Jazz, gesticula, ri, canta exaustivamente, porque sabe que em casa deixou 4 filhinhos adormecidos e que ao despertarem no dia seguinte lhe dirão: - pae, eu quero pão!

A complexa situação de atuação profissional na área da música no Brasil do início do século XX foi ainda mais crítica nas regiões com menor projeção cultural. A biografia de Jack Dinkhuysen revela um cenário no qual o empreendedorismo não era apenas desejável, mas determinante. Nesse sentido, a presença de artistas como o maestro nas cidades do interior foi um importante componente para o

---

<sup>36</sup> Jornal “Avante!”. Ano V, n. 177. Canoinhas (SC), 22/04/1934.

desenvolvimento musical local. O constante trânsito destes artistas, ainda que a custos pessoais, foi positivo para a difusão musical em áreas com nítida carência de estruturas culturais.

## REFERÊNCIAS

- AJZENBERG, Elza. A Semana de Arte Moderna de 1922. **Revista de Cultura E Extensão USP**, n. 7, p. 25-29, 2012.
- BARLEZE, Romeu. Músicos de Carazinho. In: **Reminiscências**. Carazinho (RS), 01 dez. 1983.
- CLARINDO, Nicolau. **Sonoridades Modernas em Trânsito: a origem das jazz bands catarinenses e suas trilhas de 1920 a 1940**. 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-graduação em Música, Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. 2021.
- COELHO, Luís Fernando Hering. **Os músicos transeuntes: de palavras e coisas em torno de uns batutas**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2013.
- GILLER, Marília. **O Jazz no Paraná entre 1920 a 1940: um estudo da obra O sabiá, fox trot shimmy de José da Cruz**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.
- GILLER, Marília. O jazz transatlântico na América Latina na década de 1920: trajetórias e músicos pioneiros no Atlântico Sul. In: ALBORNOZ, Javier (Org.). **Estudos Latino-Americanos sobre Música**. Curitiba, PR: Artêmis, 2020. v. 1.
- GOLDBERG, Luiz Guilherme. A música pelos jornais da cidade do Rio Grande: da Proclamação da República ao Conservatório de Música. p. 145-154. In: NOGUEIRA et al (org). **Música, memória e sociedade ao sul. Retrospectiva do Grupo de Pesquisa em Musicologia da UFPel (2001-2011)**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2010.
- LABRES FILHO, Jair Paulo. **Que Jazz é esse? As jazz-bands no Rio de Janeiro da década de 1920**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. Cartografias transatlânticas da música popular nas Américas. **Revista USP**, n. 123, p. 45-58. out./dez. 2019.

ULHÔA, Martha; LIMA NETO, Luiz Costa. Jornais como fonte no estudo da musica de entretenimento no século XX. In: Congresso da Anppom; 24. 2014. São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Amanda; GOLDBERG, Luiz Guilherme. Oscar Guanabara em Artes e Artistas: análise das críticas aos Concertos Populares em 1890. In: CONGRESSO DA ANPPOM; 27. 2018. Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2018.

### Periódicos

ALMANAK LAEMMERT: Administrativo, Mercantil E Industrial. Periódico comercial. Rio de Janeiro, v. 4, 1925.

AVANTE!. Jornal. Edições dos Anos I a VI. Canoinhas (SC), 1930-1935.

O NACIONAL. Jornal. Edição de 11/11/1975. Passo Fundo (RS), 1975.

REPUBLICA. Jornal. Edição de 18/03/1931. Florianopolis (SC), 1931.

### Documentos não publicados

DINKHUYSEN, Jack. **Carta**. Passo Fundo (RS), 19/03/1960.

Registro de matrimônio: Juízo de Casamentos de Teixeira Soares. Livro nº 01, Habilitação de Casamento nº 315. **Maria da Glória Corrêa d'Oliveira, Jacobes João Dinkhuijin**. Teixeira Soares (PR), 1924.

Registro de nascimento: Registro de Nascimentos de Castro. Livro nº2, Registro nº 577. **Eleanor Dinkhinjins**. Castro (PR), 1924.

Registro de nascimento: Registro de Nascimentos de Castro. Livro nº25, Registro nº 84. **Léo Dinkhuysen**. Castro (PR), 1929.

Registro de nascimento: Registro de Nascimentos de Castro. Livro nº26, Registro nº 234. **Haroldo Reynaldo Dinkhuysen**. Castro (PR), 1929.

Registro de nascimento: Arquivo municipal de Den Haag (Países Baixos), Registro civil de nascimentos. Registo Civil do Município de Haia, arquivo 335-01, inventário número 447, certidões de nascimento Haia, registo número 3078. **Jacobus Johannes Dinkhuijsen**. Haia, 1902.

SIMON, Mercedes. **Entrevista**. Carazinho (RS), c. 1985, s/p.

**Artigo recebido em:** 15/02/2022

**Artigo aprovado em:** 12/03/2022

**Artigo publicado em:** 04/05/2022